

PARQUE DA TAMARINEIRA - ETAPA 2 MEMORIAL DESCRITIVO DO PROJETO

1. PROJETO ARQUITETÔNICO-URBANÍSTICO

HISTÓRICO E ASPECTOS LEGAIS

Desde a inauguração de sua primeira etapa, no segundo semestre de 2024, o Parque da Tamarineira se tornou um dos principais equipamentos públicos da cidade, oferecendo à população espaços recreativos para crianças e adultos, quadra poliesportiva, pista de cooper, fonte interativa e extensas áreas verdes.

O projeto do Parque, no entanto, remonta ao ano de 2011, quando a Prefeitura do Recife lançou o Concurso Público Nacional de Estudos Preliminares para o Novo Parque Municipal da Tamarineira. Hoje, 13 anos depois, devido a novas condicionantes legais, técnicas, orçamentárias e programáticas, o projeto vencedor do concurso teve que passar por ajustes e melhorias com o objetivo de atender às demandas da população. Também foi necessário dividir o projeto em três etapas, de modo de que o Parque pudesse ser implantado sem interferir nas atividades do Hospital Psiquiátrico Ulysses Pernambucano e do Centro de Prevenção, Tratamento e Reabilitação de Alcoolismo (CPTRA), equipamentos de saúde administrados pelo estado e pelo município, respectivamente. (Figura 01)

ETAPAS DE IMPLANTAÇÃO DO PARQUE



Figura 01 — Etapas de implantação do Parque da Tamarineira
Fonte: EMLURB/RECIFE

Sobre os aspectos legais que incidem sobre a área do Parque — aspectos que determinaram muitos dos ajustes e soluções projetuais adotados na segunda etapa —, dois pontos merecem destaque:

Primeiro, desde 2012 o Parque da Tamarineira é uma *Unidade de Conservação da Paisagem* (UCP Tamarineira, Lei nº 17802-2012), regulamentada pelo decreto nº34.113/2020. A UCP Tamarineira é dividida em dois setores: o SEA - Setor de Equilíbrio Ambiental (setor com parâmetros urbanísticos menos rigorosos, com taxa de Solo Natural de 50%) e o SCA - Setor de Conservação Ambiental (setor mais rigoroso, com taxa de solo natural de 80%). Segundo, a UCP Tamarineira é composta por 4 *Imóveis de Preservação de Área Verde* (IPAVs 57,58,59 e 60), cujas delimitações e características estão definidas no Cadastro dos Imóveis de Proteção de Área Verde (2016). Segundo a norma, as IPAVs precisam manter 70% da cobertura vegetal registrada no cadastro. (Figura 02)



Figura 02 — Setores da UCP Parque da Tamarineira

Fonte: EMLURB/RECIFE

CONCEITO DA INTERVENÇÃO ARQUITETÔNICA

A segunda etapa de implantação do projeto do Parque da Tamarineira possui 40.425,60m² (quase o dobro da área da primeira etapa, a qual contava com 22.776,21m²). Sua proposta conceitual e o traçado arquitetônico seguem as diretrizes projetuais estabelecidas na proposta vencedora do Concurso, porém, devido ao grande volume de visitantes do Parque, optou-se por acrescentar mais usos e equipamentos (Figura 03).

Para facilitar o entendimento do projeto e o planejamento da execução da obra, sugerimos subdividir o projeto da segunda etapa em 4 setores (Figura 04):

SETOR 1 (4.381,85m²) — Praça, Casa do Bem-Estar e Pórtico histórico

SETOR 2 (6.639,25m²) — Playground e percurso de acesso à Matinha

SETOR 3 (26.346,35m²) — Matinha

SETOR 4 (3.058,15m²) — Canal do Jacaré e Praça da Avenida Norte



Figura 03 — O projeto da ETAPA II do Parque da Tamarineira

Fonte: EMLURB/RECIFE



MAPA ÍNDICE
ESCALA 1:4000

ETAPA 2 - QUADRO DE ÁREAS				
	ÁREA TOTAL	SOLO NATURAL	SOLO IMPERMEÁVEL	ÁREA CONSTRUÍDA
SETOR 01	4.381,85m ²	2.466,85m ²	1.300,00m ²	615,00m ²
SETOR 02	6.639,25m ²	5.711,35m ²	927,90m ²	-
SETOR 03	26.346,35m ²	24.982,35m ²	1.364,00m ²	-
SETOR 04	3.058,15m ²	1.540,35m ²	1.488,65m ²	29,15m ²
TOTAL	40.425,60m ²	34.700,90m ²	5.080,55m ²	644,15m ²
PERCENTUAL	100%	85,84%	12,57%	1,59%

Figura 04 — Os quatro setores da ETAPA II do Parque da Tamarineira

Fonte: EMLURB/RECIFE

Os principais pontos que definem o conceito da segunda etapa são:

Casa do Bem-Estar (Pavilhão Anatômico)

A *Casa do Bem-Estar* é nome dado ao conjunto de novos usos e atividades previstos para o Pavilhão Anatômico, edificação tombada a nível estadual na qual funciona atualmente o Centro de Prevenção, Tratamento e Reabilitação de Alcoolismo (CPTRA). De início, a proposta prevê a realocação das atividades do CPTRA para novo imóvel a ser definido pela Secretaria de Saúde, fora da área do Parque. Em seguida, o Pavilhão será restaurado, tomando como base o projeto original da edificação, o qual foi obtido por meio de pesquisas e levantamentos de dados em órgãos ligados à preservação de patrimônios históricos.

Os novos usos sugeridos para a *Casa do Bem-Estar* incluem:

- 1) espaços destinados a práticas integrativas e complementares em saúde (pics) com ênfase em atividades ligadas ao corpo e à mente, como aulas de yoga, meditação, aromaterapia, musicoterapia, cromoterapia etc.;
- 2) salas de comércio multiuso que podem atender às funções de boxes para comercialização de alimentos naturais e orgânicos, e comercialização de produtos e acessórios relacionados à saúde do corpo e da mente, priorizando, sempre que possível, a venda de produtos e artefatos locais;
- 3) salão multiuso para aulas de dança (que também podem estar vinculadas aos recursos terapêuticos dos pics, como a biodança e danças circulares), eventos, palestras e encontros temáticos;
- 4) banheiros masculino e feminino, com módulos acessíveis e também destinados a famílias.

Elementos espúrios construídos ao redor da edificação no curso de intervenções posteriores — abrigos em alvenaria para caixas condensadoras, rampa e bancos em concreto, base para caixa d'água em pré-moldado de concreto, edícula e leiras para hortas — serão demolidos a fim de garantir a plena visibilidade do bem tombado. As fachadas frontal e laterais serão preservadas, apenas as suas cores originais serão recuperadas após prospecção a ser realizada por profissional habilitado da FUNDARPE. A fachada posterior, contudo, passará por adaptações mais específicas, pois nela serão abertos dois novos acessos ao edifício; a sala multiuso também terá uma de suas faces envidraçadas voltada para esta fachada, de modo que, quando abertas as esquadrias, o seu espaço interno se comunique com o exterior.

No interior do Pavilhão, o projeto prevê a retomada do pátio original descoberto. Para tanto, serão demolidas as salas e espaços que foram construídos dentro do edifício nas últimas décadas e que descaracterizaram a sua espacialidade original. As antigas salas de atendimento, que após a reforma ganharão os novos usos mencionados, se abrirão para o pátio, no qual poderão também ser dispostas mesas e cadeiras para o público. A infraestrutura técnica — caixas d'água e condensadoras — serão instaladas sobre a laje técnica que cobre o salão multiuso.

A *Casa do Bem-Estar* será um espaço de integração e convivência, focado na promoção da saúde física e mental dos frequentadores do Parque. A sua inserção dentro de uma edificação histórica, cujo uso original estava vinculado ao Hospital Ulysses Pernambucano, contribui para a divulgação da história da instituição e para a educação patrimonial tanto de recifenses quanto de turistas.

Passeio Principal

A criação de um eixo para pedestres e veículos não motorizados — bicicletas, patinetes e skate —, que conecta a Avenida Rosa e Silva e a Avenida Norte, é uma das principais intervenções a ser realizada na segunda etapa. Na primeira etapa, apenas parte do passeio tinha sido executado, já que o seu prolongamento total e a consequente abertura à população geraria conflitos de uso com as atividades do CPTRA. Agora, com a realocação do CPTRA, o passeio será completado e totalizará 577m, estendendo-se ao longo de todo o Parque e funcionando como o principal eixo de acesso aos equipamentos dos setores. Este passeio também servirá para o eventual tráfego de veículos de serviço.

Para dar continuidade visual à solução construtiva do piso da primeira etapa, parte da extensão do passeio pedonal (117m) será executada em concreto, até pouco depois do pórtico histórico. O restante do passeio até a Avenida Norte será em paver cor “areia” — material resistente, de fácil execução e manutenção, que ainda agrega características drenantes.

Matinha

Matinha é o nome dado ao denso agrupamento arbóreo localizado na parte posterior dos edifícios históricos do Hospital Ulysses Pernambucano. Ela é delimitada ao norte pelo Residencial Santa Luzia, a leste pelos fundos dos imóveis da Av. General Abreu e Lima e a oeste pelo Hospital Infantil Helena Moura e pela Subestação da Neoenergia. Na segunda parte deste memorial será feita uma análise mais aprofundada dos aspectos paisagísticos da Matinha, bem como de todo o restante do Parque. Por ora, cabe destacar que o grande diferencial da segunda etapa do projeto em relação à primeira consiste na manutenção e potencialização das características naturais da Matinha, ou seja, enquanto na primeira etapa foi necessário criar mais superfícies pavimentadas, pois atendiam a demandas de usos e atividades específicos, a segunda etapa, por sua vez, funciona com um contraponto, um oásis verde no meio da cidade. Por essa razão, optou-se por soluções construtivas naturalizadas e que gerem o mínimo de interferência no solo e nas raízes das árvores.

Os principais espaços e equipamentos propostos para a Matinha são:

- 1) Pista de cooper em solo natural com 500m de circuito;
- 2) Passarelas de passeio de pedestres com piso em grelha metálica, elevadas cerca de 30cm do solo, conectadas entre si por módulos trirradiados em concreto — o objetivo da elevação é criar um percurso claro e interativo dentro da Matinha, que vença os desníveis da topografia do terreno sem fundações extensas e grandes movimentações de terra, que permita a visualização do solo natural logo abaixo e que garanta, assim, a total permeabilidade das águas pluviais;
- 3) Decks de madeira ecológica com mobiliários de estar — mesas e bancos —, de repouso — espreguiçadeiras — e de ginástica — espaldar para alongamento e exercícios de barra —, conectados entre si por meio das passarelas metálicas;
- 4) Redários em toras de madeira de eucalipto tratado;
- 5) Playground com sete tipos de brinquedos de pequeno, médio e grande porte, todos em toras de eucalipto tratado;
- 6) 18 mesas de madeira para picnic;
- 7) Anfiteatro para cerca de 170 pessoas, com dois palcos e assentos em toras de madeira;
- 8) Espaço com toras de madeiras naturais para brincadeiras;
- 9) Bicicletários em diversos pontos da Matinha.

Praça da Avenida Norte

O edital do Concurso previa a desapropriação do imóvel na esquina da Avenida Norte com a General Abreu e Lima. O projeto propõe a demolição das edificações existentes e a construção de uma praça de acesso ao Parque, que se conecta com o percurso do canal do Jacaré e com a Matinha. A conversão desse espaço em uma praça é fundamental, pois marca o acesso ao parque pela Avenida Norte, de modo semelhante ao que foi proposto na primeira etapa para a esquina da Av. Rosa e Silva com a Rua José Maria.

A Avenida Norte é um dos corredores de transporte menos arborizados da zona norte da cidade: em uma extensão de aproximadamente 6km, (da Av. Agamenon Magalhães até o Parque da Macaxeira), existem apenas 6 espaços verdes em comunicação direta com a avenida, e a ausência de canteiros centrais reforça a aridez do trajeto. Por essa razão, a implantação da praça da Avenida Norte é ponto fundamental para o bom desempenho do Parque, pois além de favorecer o enriquecimento arbóreo e consequente amenização climática da área, também contribuirá para a gradual transformação da imagem da Avenida Norte. Além disso, com a implantação do grande eixo pedonal que atravessa o Parque, o acesso pela Avenida Norte será um dos pontos estratégicos para promover a integração do Parque com os bairros do Arruda, Ponto de Parada, Mangabeira e Hipódromo.

O traçado da praça é formado por uma malha quadrangular em faixas de concreto e, entre elas, superfícies em blocos intertravados de concreto na cor “areia”. Essa malha define todos os espaços e a locação dos principais equipamentos da Praça.

A Praça conta com:

- 1) Jardins elevados, cujas contenções também funcionam como bancos;
- 2) Estrutura metálica longilínea que serve de suporte para pérgolas de madeira. A estrutura possui dois módulos: o maior mede 39 x 4.60m, e o menor 4.90 x 4.60m, ambos com 4.35m de altura. Sua finalidade é criar um percurso sombreado, que afaste o transeunte do fluxo de veículos da avenida norte;
- 3) Passarela em grelha metálica sobre o canal;
- 4) Dois quiosques de alimentação e módulo de apoio com banheiro acessível e depósito para contêineres de lixo;
- 5) Espaço para instalação de módulos para bicicletas compartilhadas;
- 6) Área de embarque e desembarque para veículos de passeio e transportes por aplicativo e para veículos de manutenção;

2. PROJETO PAISAGÍSTICO

DIAGNÓSTICO AMBIENTAL PRELIMINAR

A caracterização da área da segunda etapa do Parque da Tamarineira iniciou-se com levantamento topográfico especializado, que contabilizou 627 indivíduos arbóreos, dos quais 107 são de pequeno porte (DAP < 0,15m), em estágio inicial de desenvolvimento. Visitas técnicas complementares permitiram registros fotográficos e a apreensão do entorno, balizando as impressões iniciais sobre o espaço.

Constatou-se que, embora o Parque da Tamarineira abrigue um dos poucos fragmentos florestais remanescentes na malha urbana do Recife, esta cobertura vegetal é predominantemente composta por espécies exóticas e invasoras ao bioma Mata Atlântica – considerado um dos *hotspots* de biodiversidade mais ameaçados globalmente. Esta situação é grave, pois tais espécies competem com a flora nativa por recursos (luz, água e nutrientes), podendo levar ao declínio ou supressão das plantas autóctones. Destacam-se exemplares de dendê (*Elaeis guineensis*), frutapão (*Artocarpus altilis*), jaca (*Artocarpus heterophyllus*), manga (*Mangifera indica*), mata-fome (*Pithecellobium dulce*), amendoeira (*Terminalia catappa*), leucena (*Leucaena leucocephala*) e jambo (*Syzygium jambos*), algumas destas notadamente invasoras no Nordeste.

Ademais, apesar da aparente densidade da mata em imagens de satélite, as visitas de campo revelaram uma ausência de espécies de sub-bosque, sendo apenas o estrato do dossel densamente ocupado, o que mostra a necessidade de enriquecimento da vegetação.

Com o objetivo de viabilizar a execução do projeto de arquitetura e as respectivas infraestruturas, bem como conter a dispersão de espécies exóticas invasoras – agentes degradantes do meio ambiente – e promover a restauração de trechos de vegetação nativa, sugere-se a **supressão seletiva de 67 indivíduos (41 palmeiras e 26 árvores)**. A remoção concentra-se majoritariamente em dendês (*Elaeis guineensis*) e frutas-pão (*Artocarpus altilis*), as últimas, em sua maioria, em estágio inicial de desenvolvimento. Esta ação está de acordo com os princípios da restauração ecológica, que comumente incluem a remoção de invasoras como passo inicial. A supressão de espécies exóticas e invasoras abre espaço e disponibiliza recursos para o desenvolvimento das nativas, contribuindo para a restauração da estrutura e composição florística da mata original. A compensação prevê o plantio de **380 indivíduos arbóreos e palmeiras** ao longo de toda a área da segunda etapa.

As principais situações que demandam supressão de indivíduos arbóreos e palmeiras são as seguintes (Figura 06):

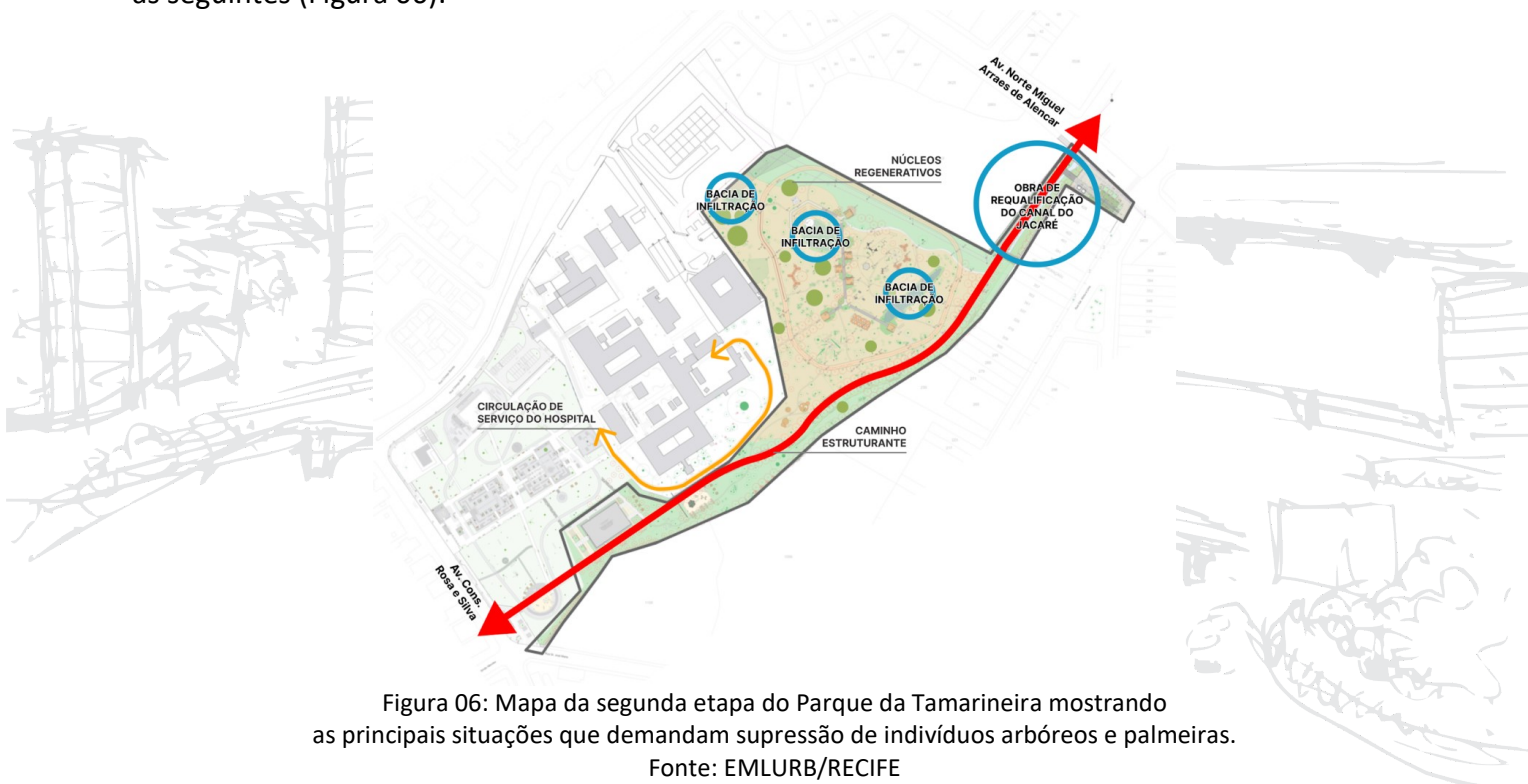


Figura 06: Mapa da segunda etapa do Parque da Tamarineira mostrando as principais situações que demandam supressão de indivíduos arbóreos e palmeiras.

Fonte: EMLURB/RECIFE

- *Árvores e palmeiras que se sobrepõem ao caminho estruturante que interliga a Av. Norte à Av. Rosa e Silva.* O projeto buscou desviar o máximo possível de indivíduos arbóreos de grande porte, sem prejudicar, contudo, a funcionalidade do passeio.
- *Árvores e palmeiras localizadas no novo caminho de circulação de veículos de serviço do Hospital.* Semelhante ao item anterior, o traçado do novo caminho buscou desviar de indivíduos arbóreos de maior porte;
- *Árvores e palmeiras localizadas em locais de infraestrutura.* Todo o terreno da segunda etapa, sobretudo a área da Matinha, possui problemas graves de drenagem que demandaram a implementação de infraestruturas específicas. Para isso, priorizou-se o uso de soluções baseadas na natureza, como a adoção de “bacias de infiltração” e “biovaletas” nas cotas mais baixas do terreno, aproveitando a topografia existente. A implementação destas soluções procurou evitar maiores movimentações de terra e a retirada de indivíduos arbóreos, porém algumas supressões se fizeram necessárias. As bacias de infiltração serão um dos principais sistemas de drenagem do Parque, em especial da “matinha”, visto esse local possui histórico de enchimento do solo e alagamento;
- *Árvores presentes nas bordas do canal do Jacaré.* O projeto de drenagem também previu a requalificação do Canal do Jacaré, que cruza um trecho da “matinha” e atravessa a praça da Av. Norte. A fim de melhorar as condições de drenagem local, o projeto previu a ampliação do leito deste canal, viabilizado através da desapropriação de edificações que ocupavam a sua faixa marginal de proteção e a supressão de 8 (oito) árvores de médio porte presentes nas margens do canal.
- *Árvores e palmeiras exóticas invasoras nos locais de implementação dos “núcleos regenerativos”.*

CONCEITO DA INTERVENÇÃO PAISAGÍSTICA

A proposta paisagística para a segunda etapa do Parque da Tamarineira parte desse sensível contexto ecológico e legal em que se insere. A área de atuação está majoritariamente compreendida no Setor de Conservação Ambiental (SCA) da Unidade de Conservação da Paisagem (UCP) Tamarineira (Lei nº 17.802/2012, regulamentada pelo Decreto nº 34.113/2020), e abrange Imóveis de Proteção de Área Verde (IPAVs) que demandam a manutenção de 70% de cobertura vegetal. Tais condicionantes nortearam um conceito pautado pela leveza e mínima intervenção, com atuação cirúrgica que respeita e valoriza o ambiente natural preexistente.

Assim, a principal diretriz é a valorização e o restauro ecológico da vegetação nativa, especialmente na “matinha”, fragmento central desta etapa. A intervenção visa complementar a paisagem atual, aproveitando clareiras existentes ou resultantes do manejo de exóticas, para promover um processo gradual de enriquecimento ecológico com espécies da Mata Atlântica. Elas ocuparão o sub-bosque, hoje pouco diversificado, reforçarão a estrutura do dossel e restabelecerão serviços ecossistêmicos.

Com isso, busca-se oferecer ao público uma experiência de contato com uma atmosfera de “floresta urbana”, algo singular no Recife, revelando uma paisagem que sensibilize para a beleza da flora regional e a importância da conservação, fomentando a educação ambiental. Para tal, prioriza-se o plantio de vegetação nativa, o uso extensivo de solo natural e elementos construtivos de baixo impacto (trilhas em terra batida, caminhos em pedra natural), reforçando o caráter contemplativo do parque.

Como elemento estruturante do traçado, tem-se um eixo principal de circulação para pedestres, acompanhado por aleias de diversas espécies arbóreas ornamentais e nativas, o qual conectará a Av. Rosa e Silva à Av. Norte, atravessando a "matinha" e permitindo ao visitante vivenciar as diversas paisagens. Na Av. Norte, uma praça de acesso funcionará como entrada principal e polo de atratividade, com equipamentos como quiosques, pergolados e espaços de estar, seu paisagismo promoverá sombreamento futuro com árvores de médio e grande porte e contará com arbustivas ornamentais adaptadas à alta insolação inicial, como bromélias.

Em síntese, o conceito da intervenção reside em conciliar a fruição pública com a conservação e recuperação ambiental, transformando uma área reclusa e pouco biodiversa em refúgio ecológico e espaço de aprendizado e contemplação.

DIRETRIZES E ESTRATÉGIAS DE PROJETO

Seleção de Espécies e Justificativas

A escolha da vegetação visou promover a restauração ambiental e a valorização da flora regional, respondendo aos desafios do diagnóstico. Assim, foram selecionadas espécies arbóreas nativas, com enfoque em exemplares de Pernambuco e do bioma Mata Atlântica, além de espécies adaptadas aos solos úmidos e encharcados da "matinha". A estratégia de reflorestamento contempla o enriquecimento de diferentes estratos (pioneiras de rápido crescimento e secundárias e clímax para maturidade florestal) e a inclusão de espécies atrativas para a avifauna local, enriquecendo as interações ecológicas no parque.

Na "matinha", a seleção arbórea visa substituir exóticas e adensar o sub-bosque com espécies secundárias e clímax tolerantes à sombra ou aptas a ocupar clareiras. Espécies de médio e pequeno porte ocuparão os estratos inferiores, complexificando a estrutura florestal. Dentre as escolhidas destacam-se pioneiras como embaúba-prateada (*Cecropia hololeuca*) e guapuruvu (*Schizolobium parahyba*); espécies amplamente utilizadas em restauração florestal como pau-de-jangada (*Apeiba tibourbou*) e crindiúva (*Trema micrantha*); e para diversidade ecológica e paisagística, babosa-branca (*Ceiba superba*), pitangueira (*Eugenia uniflora*), araçá-amarelo (*Psidium cattleianum*), Urucurana (*Croton urucurana*), ingá-cipó (*Inga edulis*), suinã (*Erythrina velutina*), tamboril (*Enterolobium contortisiliquum*), munguba (*Pachira aquatica*), samaumeira (*Ceiba pentandra*), pau-brasil (*Paubrasilia echinata*), e palmito-juçara (*Euterpe edulis*). Estas fornecerão alimento e abrigo à fauna, recuperarão o solo e formarão uma floresta mais funcional. Dentre essas, foram selecionadas àquelas de maior caráter ornamental para compor aleias e qualificar áreas de estar. Como dito anteriormente, foi previsto o plantio de **380 indivíduos arbóreos e palmeiras** ao longo de toda a área da segunda etapa, excluindo aquelas plantadas segundo a técnica dos núcleos regenerativos.

Para os estratos arbustivos e herbáceos, a intervenção ornamental é pontual, concentrando-se junto a espaços construídos, percursos e áreas de convivência. A maior parte da "matinha" manterá solo natural coberto por serrapilheira, reforçando o aspecto florestal. Nas áreas designadas, privilegiaram-se espécies nativas do Brasil adaptadas a sombra, umidade, além de exemplares capazes de se desenvolver nas bacias de infiltração. Exemplos incluem ciclanto (*Cyclanthus bipartitus*), maranta-zebrina (*Goeppertia zebrina*), maranta-charuto (*Calathea lutea*), maranta-cinza (*Thalia geniculata*), costus (*Costus spiralis*), gengibre-azul (*Dichorisandra thyrsiflora*) e lírio-da-paz-gigante (*Spathiphyllum cannifolium*), que introduzem texturas, formas e cores, dialogando com a vegetação arbórea.

Estratégias de Implantação e Manejo

Núcleos Regenerativos

Visando o enriquecimento da biodiversidade e a recomposição florestal na área da "matinha", foram previstos "Núcleos Regenerativos" – os quais contribuem com **543** mudas de árvores e palmeiras, além daquelas provenientes da técnica da semeadura –, inspirados na metodologia de "floresta de bolso" (Cardim, 2022), a qual procura replicar as condições de florestas autossustentáveis e com baixa necessidade de manutenção em espaços urbanos. Assim, os núcleos consistem em focos de regeneração intensiva, em formato circular, isolados por troncos de madeira proveniente de podas realizadas durante a própria obra. O seu interior será adubado e inicialmente coberto com casca de pinus tratada (mín. 3cm) para melhor controle de plantas indesejadas.

A estratégia combina mudas de árvores nativas da Mata Atlântica ($h = \text{mín. } 1,30\text{m}$; 1 muda/ 2m^2) com semeadura direta ("muvuca") de sementes de espécies rústicas adaptadas (ex: ingá, embaúbas, pau-jacaré, guapuruvu) e leguminosas arbustivas (feijão-de-porco - *Canavalia ensiformis* e feijão-guandu - *Cajanus cajan*) para "adubação verde". O estrato inferior dos núcleos em primeiro momento terá solano-rasteiro (*Lycianthes asarifolia*) e taioba (*Xanthosoma sagittifolium*).

Definiram-se três tamanhos de núcleos (P: 50m^2 , 25 mudas e 8 espécies; M: 113m^2 , 56 mudas e 17 espécies; G: 176m^2 , 88 mudas e 27 espécies), que devem ser executados utilizando uma lista referencial de aproximadamente 60 espécies de árvores e palmeiras da Mata Atlântica, conforme disponibilidade e adequação. Priorizaram-se nessa seleção espécies secundárias de médio/pequeno porte, complementadas por pioneiras de rápido crescimento (como guapuruvu - *Schizolobium parahyba* e embaúba-prateada - *Cecropia pachystachya*) e clímax tolerantes à sombra (como jequitibá-rosa - *Cariniana legalis* e sapucaia - *Lecythis pisonis*). Incluem-se frutíferas atrativas à fauna (como várias espécies de ingás, pitanga e cajá) e de valor ecológico (como pau-brasil, cedro-rosa e copaíba). Por fim, placas informativas em cada núcleo detalharão a proposta para os visitantes e contribuirão para a educação ambiental.

Paisagismo do Canal do Jacaré

A intervenção no Canal do Jacaré (bacia do Rio Beberibe) concentra-se em um trecho com ~2m de largura que atravessa o final do parque e enfrenta desafios como qualidade da água comprometida e acúmulo de resíduos. O paisagismo nessa área visa contribuir para a resiliência e recuperação da faixa marginal de proteção (FMP) deste corpo hídrico com espécies adaptadas.

Tem-se como premissa o plantio de vegetação predominantemente nativa (pioneiras e secundárias iniciais) adaptada a solos aluviais e inundações, além de espécies com potencial de atração de avifauna. Entre elas, destacam-se a pitangueira (*Eugenia uniflora*) e a jabuticabeira (*Plinia cauliflora*), ambas frutíferas nativas que fornecem alimento para a fauna local. A embaúba (*Cecropia pachystachya*), espécie pioneira de rápido crescimento, que é fundamental para o sombreamento inicial e para a ciclagem de nutrientes. Inclui-se também o tucaneiro (*Citharexylum myrianthum*) e o fruto-do-sabiá (*Lohacroma arborescens*), esta última uma árvoreta de reconhecido valor ecológico. Espécies como chuva-de-ouro (*Cassia ferruginea*), pau-pombo (*Tapirira guianensis*) e pau-de-jangada (*Apeiba tibourbou*) complementam o estrato arbóreo, conferindo diversidade e beleza ao conjunto.

No estrato herbáceo-arbustivo, aliam-se rusticidade, valor ornamental e potencial de fitorremediação: cana-da-índia (*Canna indica*), paquevira (*Heliconia psittacorum*), taioba (*Xanthosoma sagittifolium*), filodendro-ondulado (*Philodendron undulatum*), falsa-íris (*Neomarica caerulea*) e norateia (*Norantea brasiliensis*).

Outras soluções específicas incluem bougainville (*Bougainvillea spectabilis*) na cor branca em uma pérgola que demarca o final do trecho canalizado, antes de sua transição para um sistema subterrâneo, visando sombrear e embelezar uma pequena área de estar e também, na área sob a fiação de alta tensão, grama-esmeralda (*Zoysia japonica*) com cosmos-amarelo (*Cosmos sulphureus*) para cobertura segura e de baixo porte.

Paisagismo da Praça da Av. Norte

Esta praça, portal de acesso ao Parque, terá paisagismo que convide à fruição e melhore o microclima. Priorizam-se espécies adaptadas a pleno sol. A composição arbórea inclui Babosa-branca (*Cordia superba*), Guapuruvu (*Schizolobium parahyba*) e Chuva-de-ouro (*Cassia ferruginea*). Uma pérgola com buganvília branca proverá sombra. Árvores de médio porte serão alocadas próximas a muros, enquanto o Guapuruvu ocupará a área central.

Na transição para o Canal do Jacaré, espécies ciliares como Ingá-banana (*Inga vera*), Fruto-do-sabiá (*Lohacroma arborescens*) e Aldrigo (*Pterocarpus violaceus*) foram especificadas por sua resiliência e atração da avifauna.

O estrato arbustivo-herbáceo contará com bromélias de alta resistência (ex: *Aechmea blanchetiana*, *Bromelia antiacantha*, *Neoregelia fireball*, *Alcantarea imperialis*), filodendros (*Philodendron bipinnatifidum*, *P. burle-marxii*, *P. undulatum*), e floríferas (*Neomarica candida*, *Alternanthera brasiliensis*). Forrações incluem vedélia (*Sphagnetica trilobata*), grama amendoim (*Arachis repens*) e grama-esmeralda (*Zoysia japonica*).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção paisagística para a segunda etapa do Parque da Tamarineira responde aos desafios ambientais identificados, notadamente a presença de espécies exóticas invasoras. O projeto foca na mitigação dos problemas, na promoção da restauração ecológica e na valorização da biodiversidade nativa. Objetiva-se a recuperação da "matinha" e demais espaços, transformando-os em um refúgio ecológico que ofereça uma experiência imersiva de "floresta urbana" requalificada, convidando à contemplação, lazer e aprendizado sobre a Mata Atlântica.

As diretrizes de mínima intervenção, respeito à paisagem natural e atuação cirúrgica materializam-se na supressão seletiva de invasoras e no enriquecimento com flora nativa. A implementação dos "núcleos regenerativos", o tratamento do Canal do Jacaré e da Praça da Av. Norte demonstram o compromisso com um ecossistema funcional e espaços de fruição pública qualificados, sensibilizando para questões ambientais e fomentando uma cultura de conservação.

A seleção de espécies privilegiou diversidade, atração da fauna, adaptação a condições específicas e o valor ornamental da flora regional. Com isso, espera-se a melhoria dos serviços ecossistêmicos (regulação microclimática, conservação do solo e água) e a criação de habitats mais ricos. Almeja-se que a intervenção se consolide como exemplo de planejamento urbano-paisagístico transformador, contribuindo para a sustentabilidade urbana e a valorização do patrimônio natural da cidade.

3. SISTEMA DE DRENAGEM

A drenagem do Parque da Tamarineira foi projetada para direcionar a água para a rede principal que alimenta o Canal do Jacaré. Esse sistema passa sob o passeio projetado no parque, substituindo a antiga rede que anteriormente desviava a água para as construções vizinhas, o que não era mais adequado nem permitido. Para evitar impactos negativos nas áreas adjacentes, foram implementadas soluções para retenção da vazão. Como parte desse processo, foi construído um reservatório sob o passeio, com dispositivos de coleta para o encaminhamento adequado das águas pluviais, garantindo a destinação correta da água superficial e evitando sobrecarga na infraestrutura do entorno.

A rede de drenagem proveniente da ria Cônego Barata também recebeu a implementação de um reservatório de detenção, com o objetivo de aliviar a vazão e minimizar os impactos de possíveis alagamentos, especialmente em áreas de risco. Considerando que a região apresenta características propensas a acúmulos de água, o reservatório foi dimensionado para armazenar temporariamente a água da chuva, permitindo uma liberação gradual e controlada para a rede pública, evitando sobrecargas e contribuindo para a proteção das áreas circundantes.

No interior da Matinha, foram projetadas três bacias de infiltração, estrategicamente localizadas nos pontos de maior risco de alagamento, para promover a absorção da água pluvial no próprio solo. Essas bacias são acompanhadas por uma rede de drenos, que conecta as áreas de coleta com caixas de inspeção, permitindo monitoramento e manutenção adequados do sistema. O objetivo dessas intervenções é garantir que os pontos baixos naturais do parque, que são mais suscetíveis ao acúmulo de água, não sejam inundados, preservando assim a funcionalidade e a integridade do ambiente, além de proporcionar maior segurança para os visitantes e as áreas adjacentes.

Com essas medidas, a drenagem do Parque da Tamarineira e seus arredores foi significativamente aprimorada, oferecendo uma solução eficaz para a gestão das águas pluviais e contribuindo para a sustentabilidade e resiliência do local frente a eventos climáticos extremos.

No Canal do Jacaré, foi projetado um muro de contenção em pedra argamassada, localizado ao lado do passeio, com o objetivo de garantir a estabilidade das margens do canal e evitar possíveis erosões. O uso da pedra argamassada foi escolhido por sua resistência e durabilidade, além de ser uma solução que se integra esteticamente ao ambiente, sem comprometer a segurança da estrutura. Esse muro tem a função de reforçar a contenção das margens, protegendo a área do impacto de fluxos elevados de água durante períodos de chuvas intensas.

Além disso, foi ampliada a área molhada do canal, aumentando a capacidade hidráulica do leito. Essa ampliação foi planejada para garantir que o canal possa comportar volumes de água maiores, especialmente em cenários de pico de vazão, sem comprometer a segurança e a eficiência do sistema de drenagem. A modificação da seção transversal do canal permite uma melhor distribuição e condução das águas pluviais, evitando transbordamentos que poderiam gerar alagamentos nas áreas circundantes.

Como já mencionado acima, o projeto precisou de áreas de desapropriação, para que as intervenções necessárias fossem realizadas dentro da área prevista para o canal, sem a necessidade de intervenções adicionais em propriedades vizinhas. Para a execução das obras, foi previsto um processo de escavação cuidadoso, que levou em consideração a estabilidade dos taludes naturais, de forma a não comprometer o solo e a vegetação adjacente.

Essas medidas garantem uma solução eficaz e segura para a drenagem no Canal do Jacaré, aumentando sua capacidade de escoamento e minimizando os riscos de alagamentos nas áreas ao redor, ao mesmo tempo que preservam a estabilidade do terreno e respeitam as limitações urbanísticas da região.

AMY PEDROSA

Gerente Geral de Arquitetura

CELSO VINÍCIUS SALES

Superintendente de Paisagismo

